

Centella

Erva perene, rasteira, acaule, estolonífera, rizomatosa, com estolões de até 30cm de comprimento e confundidos com ramos, que formam sobre o solo um tapete semelhante a um gramado, nativa da Ásia. Folhas simples, longo-pecioladas, surgidas diretamente dos nós dos rizomas, de 4-6 cm de diâmetro. Flores pequenas, de cor esbranquiçada, reunidas em pequenas, umbelas curto-pendunculadas que surgem na base da folha. Multiplica-se em nossas condições principalmente por rizomas e estolões (Lorenzi, 2002). O fruto é oval a globoso de diâmetro de 2 a 5 mm. Os mericarpos são claramente aplanados nos lados e normalmente têm 7 a 9 quinas e são rugosas e salientes (PDR 1998). É originária da Ásia Tropical, onde há mais de 3000 anos os habitantes destas regiões já a utilizavam como estimulante e no tratamento de lesões cutâneas (Teske, 1994).

Cresce muito bem no Brasil, principalmente nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Prefere lugares úmidos e sombreados. Como é amplamente comercializada, a sua adulteração é bastante freqüente com espécies de *Hydrocotyle* (Simões, 1999).

Nome Científico: *Hydrocotyle asiatica* L. **Sinonímia:** *Centella asiatica* Urban.; *Hydrocotyle abbreviata* A.Rich.; *Hydrocotyle biflora* Vell.; *Hydrocotyle brasiliensis* Scheidw.; *Hydrocotyle brevipedata* St.-Lag.; *Hydrocotyle brevipes* DC.; *Hydrocotyle cordifolia* Hook.f.; *Hydrocotyle dentata* A.Rich.; *Hydrocotyle ficarifolia* Stokes; *Hydrocotyle hebecarpa* DC.; *Hydrocotyle inaequipes* DC.; *Hydrocotyle indivisa* Banks et Sol.; *Hydrocotyle leptostachys* Spreng.; *Hydrocotyle lunata* Lam.; *Hydrocotyle lurida* Hance; *Hydrocotyle rotundifolia* Wall.; *Hydrocotyle sarmentosa* Salisb.; *Hydrocotyle thunbergiana* Spreng; *Hydrocotyle triflora* Ruiz et Pav.; *Hydrocotyle wightiana* Wall (Soares, 2000).

Nome Popular: Centela, Centelha, Centela Asiática, Centela-da-ásia, Pata-de-mula, Pata-de-burro, Pé-de-cavalo, no Brasil; Indian Water Navel-Wort, em inglês; Hidrocotile, em língua espanhola; Asiatisches Wassernabelraut, na Alemanha; Fo-ti-tieng, na China; Gotu Kola, na Índia (Soares, 2000).

Denominação Homeopática: HYDROCOTILE

Família Botânica: Apiaceae (Umbelliferae)

Parte Utilizada: Caule e folha

Princípios Ativos: Saponosídeo Triterpênico: asiaticosídeo, o qual por hidrólise origina uma genina derivada da alfa-amirina chamada ácido asiático; **Ácidos Triterpênicos:** ácido indocentóico e ácido madecásico; **Alcalóide:** hidrocotilina; **Princípio Amargo:** vallerina; **Flavonóides:** kempferol, 3-glicosil-quercetina e 3-glicosil-kampferol; **Ácidos Graxos:** ácidos linolêico, lignocérico, linolênico, oléico, palmítico e esteárico; **Resina;** Ácido Pécico; **Taninos;** **Óleo Essencial:** rico em cineol, cânfora, farneseno, germacreno e cariofileno; **Vitamina C;** Açúcares; **Saponinas Glicosiladas:** ácido brahmico e brahmosídeo; **Felandreno;** **Fitosteróis:** estigmasterol, Beta-sitosterol, campesterol; **Mucilagens;** **Pectina;** **Poliacetilenos** (Alonso, 1998).

Indicações: Topicamente é indicada nas feridas, úlcera dérmica, eczemas, eritema, estrias, queimaduras, psoríase, vulvovaginite, distrofia da mucosa vulvovaginal, ulcerações dérmicas, bucais ou da córnea, blefarites, conjuntivite, parodontopatias, faringite, dermatite e prurido. Oralmente é utilizada na insuficiência venosa e depressão nervosa. Em Homeopatia o principal uso da Centella é na hanseníase e na elefantíase, além da aplicação na psoríase e icitiose. O asiaticosídeo estimula a ativação fibroblástica, com o qual apresenta um efeito reepitelizante, ação reforçada pelo efeito adstringente dos taninos. No mais é anti-séptico e antipruriginoso. Internamente apresenta ação tônica geral, antidepressiva e venotônica (PR, 1998).

O uso popular conferido a esta espécie nas lesões leprosas e tuberculosas cutâneas, levou a diferentes pesquisadores a promover ensaios com extratos de asiaticosídeo tanto in vivo como in vitro. Assim pôde-se constatar que as injeções subcutâneas de 0,25 g de extrato de asiaticosídeo haviam demonstrado resultados significativos (Alonso, 1998).

Em 1967, J. Lawrence realizou uma série de testes de avaliação da toxicidade cutânea (através de métodos de medição de respiração cutânea e exames histoquímicos) sobre a pele de cobaias in vitro, chegando a conclusão que o asiaticosídeo atua de maneira similar a certos antibióticos e germicidas. O estudo histológico das zonas tratadas mostrou um estímulo sobre o estrato germinativo promovendo um aumento da queratinização (Alonso, 1998).

A partir destes resultados, este mesmo autor promoveu um ensaio com extratos de asiaticosídeo sobre modelos de queimaduras experimentais, com objetivo de comprovar o comportamento do mesmo sobre a síntese de mucopolissacarídeos e colágeno, não observando melhoras substanciais nos processos de reparação tissular (Dutta e Basu apud Alonso, 1998). Com relação à celulite, Hachem e Burgain, nos meados da década de 70 se propuseram a investigar a anatomopatologia deste tipo de lipodistrofia localizada. Assim realizaram um estudo

duplo-cego com um extrato purificado de Centella asiática após estudo comparativo realizado de amostras de biópsias de deltóides e trocanter tomados antes e depois do tratamento com 60 mg diários de Centella asiatica durante três meses. Os exames histológicos revelaram uma redução da tendência da esclerose por parte dos fibroblastos nos focos celulíticos, com relação ao grupo controle. O ácido madecásico foi identificado como o principal componente antiinflamatório, enquanto que o asiaticosídeo era o princípio ativo cicatrizante (Tsurumi K. et al apud Alonso 1998). Foi possível determinar em meios de cultura de células embrionárias humanas, que os extratos purificados de Centella asiatica produzem um estímulo na síntese de lipídios e glucosaminoglicanos, em especial o ácido hialurônico e condroitina sulfato. Desta maneira, estes extratos estimulam os componentes amorfos glucosaminoglicanos e em menor proporção as fibras além do efeito nulo sobre o crescimento celular. Também foi observada uma redução marcante nos níveis de ácido urônico e das enzimas lisossomais relacionadas com o metabolismo dos mucopolissacarídeos (β -glucuronidase, β -N-acetil-glucosaminidase e arilsulfatase). Tudo isto implicaria no desenvolvimento de um tecido conectivo normal e um correto processo de reepitelização (Del Vecchio A. et al apud Alonso, 1998).

Em diferentes ensaios duplo-cego, versus placebo, promoveu-se ensaios com extratos de Centella asiatica em pacientes com insuficiência venosa crônica. Pastore e Zorzoli, em 1982, estudaram 26 mulheres com esta patologia, as quais receberam 20 mg diários durante um mês, sendo os seguintes parâmetros: edema postural, alterações de crescimento cutâneo, dor e câibra, parestesias e a sensação de corpo pesado. Cada sintoma foi qualificado ao começar e terminar cada tratamento. O resultado final determinou a eficácia do tratamento em praticamente todos os sintomas, salvo os correspondentes crescimento cutâneo e parestesias. No grupo placebo, em somente um houve melhora da sensação de pesado. Em uma prova similar Mazzola e Gini ensaiaram neste mesmo ano ao longo de três meses uma dose três vezes maior que a anterior (60 mg diários da fração triterpênica total) observando resultados muito superiores ao ensaio prévio, sem comprovar efeitos tóxicos ou adversos (Alonso, 1998).

Nos casos de úlceras tróficas venosas dos membros inferiores, vários autores assinalaram a utilidade dos extratos de Centella administrados tanto local quanto parenteralmente (Boely e Ratsimamanga, 1958; Farris, 1960; Borsalino, 1962; Maleville, 1979; Apperti e col., 1982 apud Alonso, 1998). Estudos comprovaram in vivo em ratos um efeito depressor central estabelecido pelo ácido brahmico e do brahmosídeo quando foram admonistrados via intraperitoneal (Ramaswany et al. apud Alonso 1998).

Toxicidade/Contra-indicações: De modo geral a Centella é bem tolerada nas doses adequadas. Altas doses por via oral pode provocar cefaléias, vertigens, hipotensão arterial e estados narcóticos leves e moderados. Seu óleo essencial seria o responsável, preferindo-se administrar a fração triterpênica por via oral devido a sua menor toxicidade (Alonso, 1998).

No uso interno se recomenda não ultrapassar da dose de 500-600 mg do pó da droga, ou dez gotas do extrato, três vezes ao dia. A fração triterpênica não deve ultrapassar por via oral os 60 mg diários (Ramaswamy et al apud Alonso 1998). Em alguns pacientes se observou uma elevação do colesterol total e desta forma deve-se prescrever com muita cautela nos casos de hipercolesterolemia familiar (Newall C. et al apud Alonso, 1998).

Em doses elevadas pode produzir efeitos depressores do sistema nervoso central podendo causar vertigem em pessoas com sensibilidade à droga. Em regiões tropicais pode causar fotossensibilização cutânea (Alonso, 1998).

É contra-indicado o uso na presença de gastrite, ou úlcera duodenal, pois os taninos podem irritar a mucosa gástrica. Este efeito secundário pode ser minimizado com associação de drogas com mucilagens (PR, 1998).

Dosagem e Modo de Usar:

• Uso Tópico:

- Cataplasmas da planta fresca, aplicando sobre a zona a ser tratada (PR, 1998);
- Extrato Glicólico: em géis, cremes e loções suavizantes: 2-5%; em cremes reparadores e restauradores: 3-6%; cremes após sol: 1-5% (Teske, 1994).
- Pó: Aplicar 2 vezes ao dia sobre a zona a ser tratada (PR, 1998).

• Uso Interno:

- Extrato Seco (5:1): 100 mg, uma a três vezes ao dia (PR, 1998);
- Tintura (1:10): 50 gotas, três vezes ao dia (PR, 1998);
- Extrato Fluido (1:1): 10-30 gotas, três vezes ao dia (PR, 1998);
- Infusão: 1 colher de café por xícara, três vezes ao dia (PR, 1998).
- Pó: 0,25 a 1 grama por dia, após as refeições (Teske, 1994).

Referências Bibliográficas:

- ALONSO, J. R. Tratado de Fitomedicina. Isis Ediciones. 1998.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. Plantas Medicinais no Brasil. Instituto Plantarum de Estudos da Flora LTDA. 2002
- PR VADEMECUM DE PRECIPCIÓN DE PLANTAS MEDICINALES. CD-ROM. 3ª edição. 1998.
- SIMÕES, C. M. O. Farmacognosia da Planta ao Medicamento. 1999.
- SOARES, A. D. Dicionário de Medicamentos Homeopáticos. Livraria Editora. 2000.
- TESKE, M.; TRENTINI, A. M. Herbarium Compêndio de Fitoterapia. Herbarium. 1994.
- Quimer - Opção Natural de Qualidade.